

Identificação das instalações esportivas e distribuição espacial das principais entidades competitivas do atletismo brasileiro

Identification of sports facilities and spatial distribution of the main competitive entities of Brazilian athletics

André Felipe Caregnato¹, Mayara Torres Ordonhes², Fernando Renato Cavichioli³
Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR, Brasil

Submetido em: 12-11-2017

Aprovado em: 08-01-2018

RESUMO

Este estudo de caráter quanti-qualitativo teve como objetivo investigar a estrutura física do atletismo brasileiro e identificar as principais entidades promotoras deste esporte. Foi realizado primeiramente uma busca documental por meio de *sites* de órgãos governamentais (por exemplo: Ministério do Esporte, Tribunal de Contas da União, Portal dos Convênios), de entidades esportivas (Confederação Esportiva, federações estaduais) e demais fontes de livre acesso adequadas ao objetivo deste estudo com a intenção de identificar os Centros de Treinamento, pistas e outras entidades referentes ao atletismo brasileiro. Foi realizado também um levantamento de dados no *site* da Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt), do *ranking* dos melhores resultados dos atletas e suas respectivas equipes do ano de 2016. O presente estudo revelou que a prática de atletismo, em diferentes níveis do esporte, se encontra diversificada, há uma concentração maior, tanto de instituições, estruturas físicas, resultados e atletas na região sudeste, mas sem deixar de ter uma distribuição geográfica interessante da prática desse esporte, em cidades do Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Constatou-se que, das 15 melhores equipes de atletismo do Brasil, 7 delas possuem atletas em todas as categorias e sexos. Possuem o caminho completo, isto é, da descoberta do talento ao alto rendimento. No entanto, existem instituições que se preocupam somente com os níveis mais altos de rendimento, não priorizando etapas mais formativas. Em suma, este estudo pode auxiliar os órgãos responsáveis pelas políticas públicas no país, além de contribuir na gestão das entidades envolvidas nesta modalidade.

PALAVRAS-CHAVES: Atletismo; Estrutura física; Instalações esportivas; Performance.

¹ Doutorando em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Endereço: Rua Pedro Demeterco, 1091, Jardim das Américas, CEP 81530-320, Curitiba, Brasil. E-mail: andre.caregnato@hotmail.com

² Mestranda em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: mayara.ordonhes@hotmail.com

³ Pós-Doutorado em Educação Física pela Universidade de Coimbra – Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Física na Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: cavicca@hotmail.com

ABSTRACT

This quantitative-qualitative study aimed to investigate the physical structure of Brazilian athletics and to identify the main promoters of this sport. Firstly, a documentary search was carried out through websites of government agencies (eg: Ministry of Sports, Court of Audit of the Union, Portal of Conventions), sports entities (Sports Confederation, state federations) and other sources of free access. Study with the intention of identifying the Training Centers, tracks and other entities related to Brazilian athletics. Also, a data survey was performed on the website of the Brazilian Athletics Confederation (CBAt) of the ranking of the best results of the athletes and their respective teams of the year 2016. The present study revealed that the practice of athletics at different levels of the sport, is diversified between state capitals and inner cities. One can affirm that the latter with a greater presence among the 15 best teams of the country by category. There is a greater concentration of both athletes, results and institutions, physical structures destined both for sports initiation and income in the region of greater economic development of the country (Southeast), but without having an interesting geographical distribution of the practice of athletics, in cities of the North, Northeast and Center-West. It was verified that of the 15 best athletic teams in Brazil, 7 of them have athletes in all categories and sexes. They have the complete path, that is, from the discovery of talent to income. However, there are institutions that only care about the highest levels of income, not prioritizing more formative steps. In summary, this study can help the public policy bodies in the country, as well as contribute to the management of entities involved in this modality.

KEYWORDS: *Athletics; Physical structure; Sports facilities; Performance.*

1 INTRODUÇÃO

O processo em busca do alto rendimento esportivo pode ser composto por vários fatores, por exemplo, as instalações esportivas (De Bosscher, De Knop, Van Bottenburg, Shibli, & Bingham, 2009; Houlihan & Green, 2006; Mazzei, Bastos, Ferreira, & Böhme, 2012). Autores como Meira, Bastos e Bohme (2012), Digel (2005) e Nunomura e Oliveira (2012) afirmam que, saber a localização das equipes dos principais centros esportivos que desenvolvem o esporte em diferentes níveis, é uma medida fundamental e contribui para uma Gestão Esportiva eficiente.

Os Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro, em 2016, fizeram com que a atenção voltada ao esporte no Brasil tenha sido intensificada e o governo federal brasileiro afirmou que, um dos maiores legados deste megaevento seria a chamada Rede Nacional de Treinamento (RNT) (Lei Federal n. 12.395, 2011). Segundo o Ministério do Esporte, a RNT tem por objetivo, criar um caminho para o atleta, desde a sua entrada na modalidade, até chegar ao topo do alto desempenho, garantindo a formação da base para, além de 2016, até a especialização no treinamento dos atletas das seleções nacionais, com toda a qualificação que isso requer (Ministério do Esporte, 2017a). Vale destacar que, o atletismo – modalidade foco deste estudo – foi o primeiro esporte beneficiado a fazer parte dessa rede, a partir da construção de diversas pistas de atletismo pelo país (Brasil 2016, 2014a). Portanto, pode-se dizer que existe uma RNT de Atletismo no Brasil.

Em entrevista do ex-atleta olímpico de atletismo Agberto Guimarães que, na ocasião, era Diretor de Esporte do Comitê Organizador Rio 2016, ele comenta que – no início da sua carreira como atleta, em 1975 – muitas vezes treinava-se por conta própria e, na época haviam somente três pistas sintéticas no Brasil (em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília) com piso similar às pistas das maiores competições internacionais (Rio 2016, 2014).

No depoimento de outra referência desse esporte no Brasil, o ex-medalhista olímpico, nas provas de 200 metros rasos e revezamento 4x100, Robson Caetano explica que conquistou resultados expressivos internacionalmente, apesar de possuir estrutura (física e de equipamentos esportivos) mínima de treinamento (Rio 2016, 2014). No mesmo sentido, Joaquim Cruz campeão olímpico na prova de 800 metros rasos nos Jogos Olímpicos de Los Angeles em 1984, em conjunto com seu técnico, no ano de 1980 precisou sair do país para conseguir melhorar sua *performance*, pois no Brasil não havia estrutura – por exemplo, a física – adequada para o atleta desenvolver seus treinamentos (Rubio, 2008).

A CBA tem mobilizado sua gestão para criação de novas pistas (sintéticas) e outras estruturas esportivas para o atletismo. No *site* da Federação de Atletismo do Estado de São Paulo (FPA) já são 13 pistas sintéticas completas que possuem padrão internacional de instalações, ou seja, pistas Classes 1 e 2¹ preparadas para competições internacionais (Federação Paulista de Atletismo [FPA], 2014). Com base somente nesse levantamento, fica evidente que houve aumento em se tratando de pistas sintéticas de boa qualidade para treinamentos e competições.

Contudo, esses são alguns argumentos apresentados que servem para delimitar o questionamento para esse estudo: como encontra-se atualmente a localização e a distribuição espacial das principais estruturas físicas e equipes do atletismo competitivo brasileiro? Assim, o presente estudo tem como objetivo investigar a estrutura física do atletismo brasileiro e identificar as principais entidades promotoras desse esporte.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Estudos relacionados a estrutura física

Meira et al., (2012), Hastie, Calderón, Rolim e Guarino (2013) e Houlihan e Green (2006), salientam que é fundamental que os gestores esportivos saibam onde se situam em seus países as principais estruturas físicas e, conseqüentemente, as principais fontes de recursos humanos de determinada modalidade. Para os autores Hong, Wu e Xiong (2005), isso deve fazer parte da

estratégia esportiva de um país, esse tipo de raciocínio serve para evitar possíveis erros de investimentos, reduzir custos e, ao mesmo tempo, saber onde deve ser o investimento pontual.

No Brasil, DaCosta (2006) buscou realizar o mapeamento de infraestruturas para as práticas de atividades físicas no país com o objetivo de atualizar um levantamento anterior, intitulado Inventário da Infraestrutura Desportiva Brasileira, produzido em 1998 e publicado em 2000, pelo então existente Instituto Nacional de Desenvolvimento do Esporte (INDESP), órgão do antigo Ministério do Esporte e Turismo. Amaral (2015), em seu estudo, aponta a ausência de um decreto ou órgão que defina os conceitos e tipologias das instalações esportivas no Brasil, a fim de serem utilizados para a designação e descrição correta desses espaços. Também, segundo a autora, serviriam para sustentar os levantamentos regionais e nacionais acerca da situação esportiva do país, sendo esta uma dificuldade ao tentar encontrar termos relacionados aos espaços de prática esportiva nas publicações sobre essa temática.

Essa preocupação converge com os resultados encontrados no estudo de Barreira e Carvalho (2007) sobre as instalações esportivas de *fitness* de Portugal. Os autores detectaram que algumas instalações e equipamentos de *fitness* tinham problemas pontuais (nível sonoro elevado, alta temperatura, equipamentos inapropriados), mas que provocavam, por exemplo, diminuição no rendimento esportivo dos participantes.

O estudo de Amaral e Bastos (2016), teve o objetivo de compreender o perfil do gestor de instalações esportivas, públicas e privadas, a nível municipal. As autoras, identificaram que um número considerável de gestores de instalações esportivas possui especialização. Isso sugere que a área está em desenvolvimento e os gestores preparando-se para melhor entender a prática. No entanto, outros estudos que buscam conhecer o perfil profissional do Gestor do Esporte (Joaquim; Batista, & Carvalho, 2011; Barros et al., 2013), apontam que a maioria dos pesquisados, não possuem formação específica relacionada à Gestão Esportiva e isso pode ser considerado um fator determinante do insucesso esportivo.

Os estudos na área de Gestão do Esporte no Brasil são recentes – tendo em vista que as primeiras publicações aconteceram a partir dos anos 2000 (Joaquim et al., 2011; Amaral & Bastos, 2016). Desta forma, ainda são poucos os estudos que tratam dos conhecimentos específicos, inerentes ao cargo de Gestor de Instalações Esportivas no Brasil (Sarmiento, 2011; Amaral & Bastos, 2016).

O sucesso de determinada modalidade esportiva em um país, pode se dar a partir do momento que os praticantes se desenvolvam nos locais corretos, em estruturas físicas similares a de competições internacionais (Green, 2004; Green & Houlihan, 2004; Hastie, Calderón, Rolim, & Guarino, 2013). As estruturas físicas, conforme padrões internacionais, são fundamentais no processo do alto rendimento esportivo, pois, sem as condições ideais de treinamento, as possibilidades de sucesso são prejudicadas e restritas ou até improváveis (Meira & Bastos, 2011; Mazzei et al., 2012; Nunomura & Oliveira, 2012).

Para De Bosscher, De Knop, Van Bottenburg, Shibli e Bingham (2009) e Ferreira (2007), as infraestruturas aliadas aos recursos materiais disponíveis (por exemplo, equipamentos esportivos), interferem no desenvolvimento do esporte de alto rendimento, auxiliando um país a obter excelentes resultados em competições internacionais.

Mazzei, Bastos, Ferreira e Böhme (2012), afirmam que o investimento em centros de treinamento, por meio de estratégias e ações de infraestrutura esportiva específica, é um dos fatores que podem possibilitar o desenvolvimento do esporte em médio e longo prazo em um país. Para os autores, os investimentos incluem os passos de construção, manutenção e adequação de estruturas esportivas pontuais, a falta de um destes passos pode atrapalhar o processo de desenvolvimento de um esporte.

Para alguns autores, a escola pode ser um importante local de desenvolvimento do atletismo, pois, a modalidade pode, facilmente, ser ensinada além das aulas curriculares de Educação Física, uma vez que o espaço físico e os materiais esportivos podem ser “adaptados” na sua iniciação esportiva (Bragada, 2000; Matthiesen, M. F. G. Silva, & A. C. L. Silva, 2008). Portanto, o conveniente seria aproximar o contexto escolar das estruturas físicas que serão apontadas neste

estudo, pois, conforme aponta Green (2004), uma boa estrutura física adequada contribui na formação de jovens atletas de um país.

Embora existam autores que discutam sobre a instalação e a Gestão de Estruturas Esportivas no país, pode-se notar a ausência de estudos específicos sobre pistas de atletismo. Outro assunto que merece atenção, é com relação a manutenção, por exemplo, das novas pistas de atletismo. O Portal Brasil 2016, *site* oficial dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, reporta o valor de manutenção anual de algumas estruturas utilizadas nos Jogos do Rio, como o Centro Olímpico de Tênis e de Esportes Aquáticos (Brasil 2016, 2017a). O valor de manutenção, gira em torno de 5% do valor total de cada estrutura, ou seja, o responsável pela manutenção pode chegar a gastar anualmente em torno de R\$ 10 milhões para manter uma dessas estruturas supracitadas, em condições de uso (Globo, 2017a). No entanto, não se identificou nenhum estudo/informação precisa com relação aos valores gastos para manter uma pista de atletismo ou se a manutenção é via governamental ou via entidade privada.

Este estudo será desenvolvido a partir das principais equipes e estruturas físicas relacionadas a modalidade de atletismo no Brasil.

3 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se, quanto aos fins, como de caráter quali-quantitativo e, quanto aos meios, utiliza-se de pesquisa documental para a obtenção dos dados. Uma pesquisa pode ser feita pelo método misto – qualitativo, quantitativo – com a intenção de se obter um maior entendimento sobre uma realidade estudada (Mezzadri, Moraes e Silva, & Figuerôa, 2015). Portanto, este estudo busca a quantificação de dados obtidos por meio documental, bem como, a qualificação e interpretação destes dados.

Conforme Gil (1995, p. 73) “a pesquisa documental vale-se de materiais que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa.” As informações documentais relativas às estruturas das instituições de atletismo e das instalações esportivas, foram obtidas, principalmente, por meio de *sites* de órgãos governamentais (por exemplo: Ministério do Esporte, Tribunal de Contas da União, Portal Brasil, Portal da Transparência), de entidades esportivas (Confederação Esportiva, federações estaduais) e demais fontes de livre acesso (Globo Esporte, ESPN), adequadas ao objetivo deste estudo.

Foram analisados 18 documentos referentes à instituições e instalações atuais de atletismo, não havendo, primeiramente, a definição de um recorte temporal. Destaca-se que, a instalação mais antiga identificada neste estudo, foi reformada em 2004.

3.1 Procedimentos

Foi realizada, primeiramente, uma busca documental, nos locais já mencionados, com a intenção de identificar os Centros de Treinamento, pistas e outras entidades referentes ao atletismo brasileiro. Embora, entende-se que essa busca seja parcial, uma vez que as informações relativas a muitos espaços de treinos, não se encontram disponíveis em documentos. Sendo assim, optou-se em realizar uma busca documental das instituições de atletismo, com maior número de resultados presentes no *ranking* da CBAAt – do ano de 2016. Torna-se importante ressaltar a dificuldade metodológica deste tipo de estudo, pois algumas das variáveis utilizadas nesta pesquisa, estavam incompletas no *site* da CBAAt. Por exemplo, muitas instituições possuíam somente suas siglas e, portanto, não estavam com seus nomes completos. O *ranking* da CBAAt, não forneceu – até o momento desta pesquisa – as cidades das entidades, as quais foram identificadas pelos autores, em *sites* de federações estaduais de atletismo e, em último caso, buscou-se as informações a partir do nome do atleta na *web*, uma vez que o *ranking* fornece o nome completo do atleta e sua respectiva entidade.

Então, algumas variáveis foram criadas a partir do *ranking* da CBAAt, por exemplo: a cidade da

entidade, a região do país e o tipo da entidade. Para determinar o tipo das entidades, foi verificado, primeiramente na *web*, algumas informações sobre as mesmas, tais como: natureza jurídica, objeto, código. Com essas informações, posteriormente, foi utilizado o *site* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – no campo Estatísticas, na parte de Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE)ⁱⁱ – o qual fornece a descrição da entidade (por exemplo: clube social, associação etc.). Esse esforço na busca de informações, foi fundamental para esta pesquisa no sentido de mapear corretamente as melhores equipes de atletismo do Brasil.

3.2 Análise dos dados

A análise quantitativa foi realizada por meio do *software* Microsoft Office Excel. Com as informações das variáveis já descritas foi possível cruzá-las, gerar alguns gráficos e tabelas apresentados nos resultados deste estudo. Foi realizada análise dividida por algumas das categorias do atletismo. Optou-se por apresentar as melhores instituições no Sub-16 (primeira categoria do atletismo) e adultos. Então, a análise, criação dos gráficos e tabelas foram pensadas, a partir dos seguintes aspectos: instituições com maior número de resultados no referido *ranking* separadas por categorias; e número de resultados por cidade, estado e região do país.

Além disso, os dados coletados via busca documental, foram analisados qualitativamente, a partir dos preceitos do método Análise do Conteúdo. Assim, os documentos encontrados foram submetidos às etapas deste método (pré-análise, exploração do material, codificação, tratamento) e à organização sistemática dos dados, em conteúdos similares com o objetivo desta pesquisa, e então, analisados descritivamente (Bardin, 2011).

4 RESULTADOS

4.1 Identificação das estruturas de treinamento

A Tabela 1, foi elaborada a partir do relatório do Tribunal de Contas da União (TCU) (2011), e se refere aos centros de treinamentos de atletismo por nível e região geográfica do Brasil.

Tabela 1 – Centros de treinamento de atletismo no Brasil, por nível e região

Região	Centro de Descoberta de Talentos	Centro de Jovens Talentos	Centros de Alto Nível
Norte	Não tem	Não tem	Não tem
Nordeste	4 (PE, CE e RN)	1 (CE)	Não tem
Sul	2 (PR)	Não tem	Não tem
Sudeste	11 (SP e RJ)	Não tem	3 (MG, RJ e SP)
Centro-Oeste	3 (MT e DF)	Não tem	Não tem

Fonte: Sistematizada pelos autores, 2015; TCU, 2011.

Notas. PE: Pernambuco; CE: Ceará; RN: Rio Grande do Norte; PR: Paraná; SP: São Paulo; RJ: Rio de Janeiro; MT: Mato Grosso; DF: Distrito Federal; MG: Minas Gerais.

Pode-se observar, a partir dos dados do relatório do TCU (2011), a falta de estrutura física desse esporte. Observou-se que, em nenhuma região do país, se tem o caminho completo que engloba desde a identificação do talento até o alto nível. Logo, torna-se imperativo verificar porque em determinada região existem quatro centros esportivos e, em outra, não existe nenhum.

A partir de busca documental, foram identificadas iniciativas por meio de construção e reformas das instalações destinadas a modalidade de atletismo, já que os projetos estão em diferentes estágios. Alguns já em funcionamento, outros com obras em andamento e os que se encontram em planejamento, com licitações em curso ou até mesmo, já concluídas. A Figura 1, exemplifica esta situação, ao apresentar algumas das estruturas físicas do atletismo nacional.

Locais diagnosticados	Cidade	UF*	Situação atual
CT de Atletismo do Paraná	Cascavel	PR	Em construção
CF de Deodoro	Deodoro	RJ	Funcionamento
ESEFEX (Exército Nacional)	Rio de Janeiro	RJ	Funcionamento
Centro de Formação Olímpica do Nordeste	Fortaleza	CE	Funcionamento
Centro Nacional	Bragança Paulista	SP	Funcionamento
CT Vila Olímpica	Manaus	AM	Funcionamento
CT Santos Dumont	Recife	PE	Funcionamento
Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa	São Paulo	SP	Funcionamento
Estádio Ícaro de Castro Mello – Ibirapuera	São Paulo	SP	Funcionamento
Vila Olímpica	Maringá	PR	Funcionamento
SESI (Serviço Social da Indústria)	Uberlândia	MG	Funcionamento
SOGIPA/Procempa	Porto Alegre	RS	Funcionamento
CEFAN/UNIFA	Rio de Janeiro	RJ	Funcionamento
CEPEUSP/E.C. Pinheiros	São Paulo	SP	Funcionamento
CT São Bernardo do Campo/Arena Caixa	São Bernardo do Campo	SP	Funcionamento
CT Alto Rendimento/ORCAMPI	Campinas	SP	Funcionamento
UNIFOR (Universidade de Fortaleza)	Fortaleza	CE	Funcionamento
UF de Lavras	Lavras	MG	Funcionamento
UF do Ceará	Fortaleza	CE	Em construção
UF do Paraná	Curitiba	PR	Funcionamento
UF de Juiz de Fora	Juiz de Fora	MG	Funcionamento
UF de Minas Gerais	Belo Horizonte	MG	Funcionamento
UF do Rio Grande do Norte	Natal	RN	Funcionamento
UF do Maranhão	São Luís	MA	Funcionamento
UF do Amapá	Macapá	AP	Em construção
UNESP/Rio Claro	Rio Claro	SP	Em construção

Figura 1 – Alguns locais destinados ao desenvolvimento do atletismo no Brasil, a partir de busca documental
 Fonte: Os autores, 2017.

Notas. UF*: Unidade Federal; UF: Universidade Federal; CF: Complexo Federal; CT: Centro de Treinamento.

Na sequência, serão detalhadas algumas das estruturas físicas apresentadas na Figura. O Complexo de Deodoro, utilizado para os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, possui pista oficial de atletismo – classe 1 –, obra construída em parceria entre a empresa Vale do Rio Doce, Ministério do Esporte (recursos via Lei Federal de Incentivo ao Esporte) e Exército (Brasil 2016, 2014b).

O CT de Atletismo em Cascavel/PR, foi lançado em 2014, com término previsto para o final de 2016. Trata-se de um complexo esportivo de padrão internacional (IAAF) – com alojamentos, piscina, salas de musculação e de aula, arquibancada, auditório – que envolveu recursos do governo federal, em parceria com o governo do Estado do Paraná, num total de R\$ 36 milhões (Globo, 2017b). Identificou-se que, em agosto de 2017, tal complexo estava recebendo a implantação do piso – importado da Alemanha, no valor de R\$ 4 milhões e único do Sul do Brasil – para a pista de atletismo, e que tal complexo se tornará, em 2018, um colégio militar. Assim – até o momento da pesquisa (outubro 2017) – não foram identificadas informações precisas com relação aos objetivos desta estrutura para o atletismo nacional, tampouco se a obra foi concluída.

O Centro de Formação Olímpica do Nordeste (Fortaleza/CE), destinado à várias modalidades olímpicas, entre elas o atletismo, foi construído em parceria com o governo federal e criado juntamente com a construção do Estádio Castelão, utilizado para os jogos da Copa do Mundo do Brasil (Ministério do Esporte, 2014). Trata-se de algo gigantesco e, em setembro de 2015, foi utilizado para a realização de diversas modalidades do evento escolar nacional, chamado Jogos Escolares da Juventude (Comitê Olímpico Brasileiro, 2015). O CT de Alto Rendimento de Campinas, Estado de São Paulo, possui parceria com um clube privado chamado Orcampi/Unimed (ver Figuras 1 e 3) e foi inaugurado em junho de 2010, com pista Classe 2. Tal equipe é formada a partir de parceria entre clube, prefeitura, Ministério do Esporte e uma empresa privada (Unimed).

Ainda em Campinas, está prevista a construção de um CT para o atletismo de alto nível em parceria entre prefeitura e governo federal (Ministério do Esporte, 2017a).

A cidade de São Bernardo do Campo/SP, possui o CT de Atletismo Professor Oswaldo Terra (Arena Caixa), com uma pista Classe 1 e atualmente desenvolve o atletismo, com resultados expressivos na categoria Adulto (Figura 3). Em Manaus, na Vila Olímpica, há o CT para o Alto Rendimento da Amazônia (CTARA), inaugurado em 2004, para diversas modalidades olímpicas, incluindo o atletismo, com pista Classe 2, sob manutenção da Secretaria de Esportes do Estado do Amazonas (Governo do Estado do Amazonas, 2015). O complexo Santos Dumont, da cidade de Recife, possui uma pista Classe 2 e o foco principal é a formação de atletas. Foi construído pelo Estado de Pernambuco e recebeu incentivos do mesmo para reforma da pista de atletismo. A Secretaria de Esportes do Estado de Pernambuco é responsável pela administração deste local de treinamento.

O Esporte Clube Pinheiros, da cidade de São Paulo, possui, nas suas dependências, uma pista de atletismo de alto nível. Além disso, seus atletas podem utilizar – desde 2013 – a pista Classe 2 do Centro de Prática Esportiva da Universidade de São Paulo (CEPEUSP), reconstruída com recursos captados pela Lei Federal de Incentivo ao Esporte (Universidade de São Paulo, 2013). Destaca-se que, o Esporte Clube Pinheiros, venceu os dois últimos campeonatos brasileiro de atletismo, o Troféu Brasil Caixa de Atletismo de 2016 e 2017 (Brasil 2016, 2017). A estrutura de atletismo do complexo Escola de Educação Física do Exército (ESEFEX), no Rio de Janeiro, foi renovada para os V Jogos Mundiais Militares de 2011. Por sua vez, a Vila Olímpica de Maringá, foi inaugurada em novembro de 2009 (Ministério do Esporte, 2015a).

Algumas pistas, também com classificação internacional, foram estruturadas a partir de parcerias entre CBAAt e Ministério do Esporte, tais como: UNIFOR, de Fortaleza; Serviço Social da Indústria (SESI), de Uberlândia; Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes (CEFAN) com a Universidade da Força Aérea (UNIFA), no Rio de Janeiro; e Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa e Complexo do Ibirapuera, da Prefeitura de São Paulo. Essas três últimas, ainda passaram por reformas por meio de parcerias entre as mesmas entidades citadas, pois visavam na ocasião, se tornarem locais de treinamento para os Jogos do Rio 2016. Esses complexos foram utilizados pela CBAAt, por meio de convênios, para treinamento das equipes de base e de alto rendimento do Brasil. Por exemplo, a UNIFA, foi a casa do atletismo brasileiro durante os Jogos do Rio de Janeiro e, a partir de 2017, se tornou um centro nacional do atletismo, sendo parte da Rede Nacional de Treinamento de Atletismo. Processo similar, acontece com o Centro Nacional, em Bragança Paulista/SP (Ministério do Esporte, 2015a; Confederação Brasileira de Atletismo, 2009, 2017).

Alguns clubes melhoraram suas condições de treinamento de atletismo recentemente, a partir de recursos oriundos do Ministério do Esporte, como o caso supracitado, do Esporte Clube Pinheiros, vinculado a estrutura física da CEPEUSP. Já a CBAAt recebeu do Ministério do Esporte, R\$10 milhões para estruturar diversos Centros Nacionais de Treinamento. Este trabalho foi realizado nas seguintes estruturas físicas do país: UNIFA/Cefan (Rio de Janeiro), UNIFOR (Fortaleza) e Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa (São Paulo) (Confederação Brasileira de Atletismo, 2015).

Além da pista do Centro Olímpico, outro local próximo a este, localizado no Ibirapuera, desenvolve o atletismo de alto rendimento: a pista do Estádio Ícaro de Castro – Ibirapuera – da cidade de São Paulo, reformado totalmente em 2011. Atualmente, nesse espaço, fica o Projeto Centro de Excelência do Estado de São Paulo, antigo Projeto Futuro, que revelou grandes atletas do atletismo nacional e internacional, como a campeã olímpica no salto em distância, Maureen Iga Maggi (ESPN, 2011).

Com base em informações obtidas, principalmente, nos *sites* do Ministério do Esporte e Portal de Transparência, foram construídas no país – entre 2010 e 2016 – as pistas das seguintes Universidades Federais: Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais, Lavras (MG), Juiz de Fora (MG), Goiás, Piauí, Espírito Santo, Tocantins (Campus Palmas), Rio Grande do Norte, Maranhão, Sergipe e Paraíba. Ainda em fase de construção, estão as pistas das seguintes Universidades Federais: Alagoas, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso, Tocantins (Campus

Miracema), Vale do Jequitinhonha e Mucuri (MG) e Universidade de Brasília (UNB). Também, serão construídas pistas na Universidade Estadual de Londrina, no Estado do Paraná e na Estadual do Piauí (Ministério do Esporte, 2015b; Portal da Transparência, 2015).

A Universidade Estadual Paulista (UNESP) terá pista Classe 2 nos Campus das cidades de Rio Claro e Presidente Prudente. No entanto, até o momento do término deste estudo, não foi possível identificar se as mesmas foram concluídas. Também, identificou-se informação que a construção da pista da Universidade Federal do Amapá – iniciada fevereiro de 2016 – seria finalizada até novembro deste ano (Globo, 2016), mas até o momento do término deste estudo, não foi possível encontrar informações sobre a finalização da obra. Destaca-se neste mesmo estado, a pista oficial de atletismo do Estádio Zerão, na cidade de Macapá, inaugurada em junho de 2015, com auxílio de recursos do Ministério do Esporte (Globo, 2015).

A Universidade Federal do Maranhão, inaugurou em 2015, a sua pista Classe 2 com a presença do Ministro de Esportes George Hilton e será um centro de formação e rendimento ao esporte com parceria de iniciativas esportivas entre prefeitura e estado (Ministério do Esporte, 2015b).

4.2 Principais instituições de atletismo no Brasil: da formação ao alto rendimento

Foi realizado um levantamento de dados no *site* da CBAt, do *ranking* do ano de 2016, dos resultados de atletas de diferentes categorias. A intenção é, descritivamente, apontar quais as instituições competitivas do país no atletismo obtiveram mais resultados neste período, bem como identificar o nome completo e localização dessas equipes.

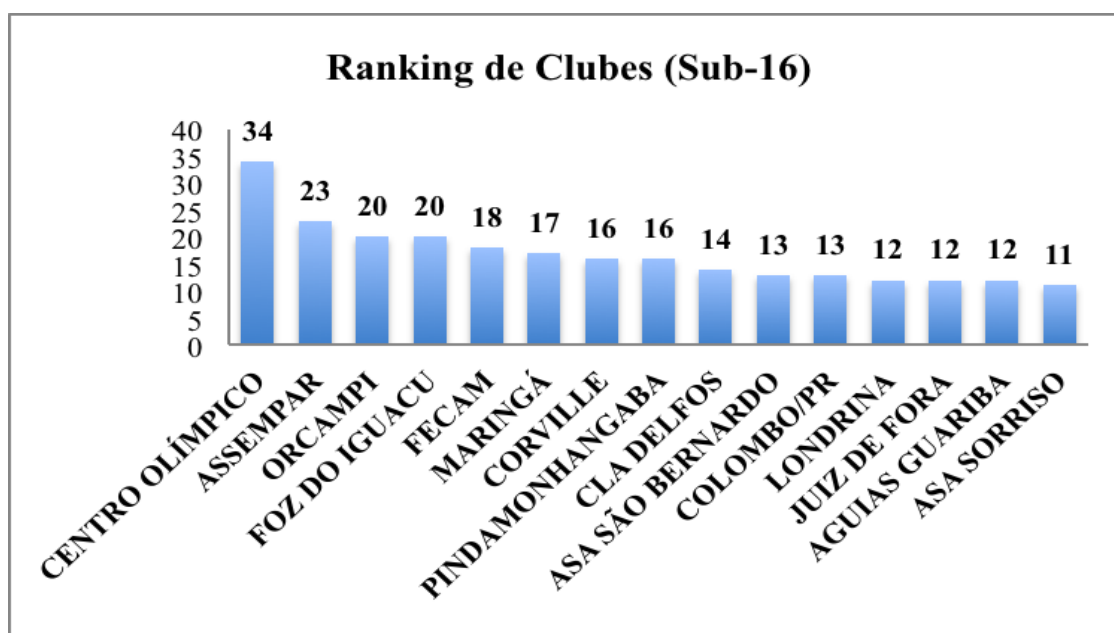


Figura 2 – Quinze instituições de atletismo do Brasil com mais resultados: 2016 (categoria Sub-16)
Fonte: Dados dos autores, 2017.

A quantidade de resultados (251) dos atletas na Figura 2, é originada a partir das 15 equipes do país, que obtiveram mais resultados no *ranking* nacional da categoria Sub-16. A equipe que mais obteve resultados nesta categoria, foi a Associação Desportiva Centro Olímpico (AD Centro Olímpico) da cidade de São Paulo, a qual mantém seus treinamentos a partir da parceria com a prefeitura municipal, com 34 resultados (13,54% do total de resultados das 15 equipes). Na sequência – com uma diferença considerável com relação ao Centro Olímpico – aparecem, respectivamente as equipes: Associação dos Servidores Municipais de Paranavaí (Asempar), com 23 resultados; Organização Funilense de Atletismo (ORCAMPPI) de Campinas e Instituto de Atletismo de Foz do Iguaçu (IAFI), ambas, com 20 resultados cada.

Importante destacar que o Estado do Paraná, com 6 equipes, é o estado com maior número de equipes entre as 15 que possuem mais resultados, e totaliza assim, 103 resultados (41.03%), com as seguintes equipes: ASSEMPAR, Foz do Iguaçu, Associação de Atletismo de Maringá; Fundação de Esportes de Campo Mourão (FECAM); Prefeitura Municipal de Colombo e Londrina Caixa Instituto Paranaense de Esporte e Cultura de Atletismo

Pode-se notar que o Estado de São Paulo esteve bem representado no *ranking*, tendo 5 equipes entre as 15 melhores, com 97 resultados (38.64%). A equipe com mais resultados (Centro Olímpico) é deste estado e compõem o *ranking* as seguintes equipes paulistas: ORCAMPI; Associação dos Servidores Públicos Municipais de Pindamonhangaba; Associação Sãobernardense de Atletismo (ASA) da cidade de São Bernardo do Campo; e Associação Guaribense de Incentivo ao Atletismo e o Social (AGUIAS) da cidade de Guariba.

Na sequência, o Estado de Minas Gerais, com duas equipes: Cla Delfos da cidade de Belo Horizonte e Universidade Federal da cidade de Juiz de Fora; totalizando 26 resultados (10.35%) para este estado. Os Estados de Santa Catarina e Mato Grosso possuem uma equipe cada, respectivamente: Associação Corville de Atletismo de Joinville e Associação Sorriso de Atletismo (ASA) da cidade de Sorriso (MT).

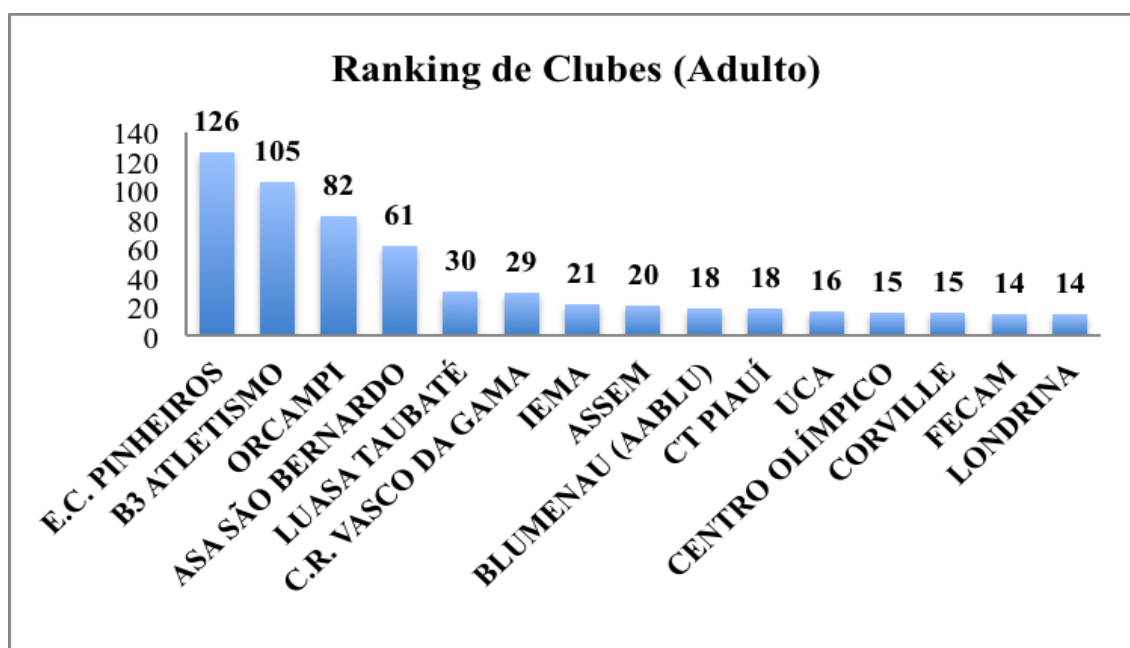


Figura 3 – Quinze instituições de atletismo do Brasil com mais resultados: 2016 (categoria Adulto)
Fonte: Dados dos autores, 2017.

Essas 15 principais equipes da categoria Adulto, obtiveram um total de 564 resultados. Conforme mostra a Figura 3, os cinco clubes desta categoria que mais possuem resultados no *ranking* da CBAAt, em 2016, são do Estado de São Paulo: Esporte Clube Pinheiros, com 126 resultados (23.34%); B3 Atletismoⁱⁱⁱ da cidade de São Caetano do Sul, com 105 resultados (18.61%); Organização Funilense de Atletismo (ORCAMPI) de Campinas, com 82 resultados (14.53%); ASA de São Bernardo do Campo, com 61 resultados (10.81%); e Luasa Sposts Caixa Taubaté (LUASA) da cidade de Taubaté, com 30 resultados (5.31%). As seguintes equipes também são paulistas: Instituto Elizangela Maria Adriano (IEMA) da cidade de São Caetano do Sul; Grêmio Barueri; Associação dos Servidores Municipais (ASSEM) da cidade de São José dos Campos; e Centro Olímpico da cidade de São Paulo. Assim, o Estado de São Paulo, é o que mais possui equipes, são 8 equipes, responsáveis por 81.56% dos resultados, das 15 equipes desta categoria.

O Estado do Santa Catarina é o segundo com mais equipes, sendo representado por três equipes: Associação de Atletismo de Blumenau, União Catarinense de Atletismo da cidade de São José e

Associação Corville de Atletismo de Joinville, as quais totalizam 8.68% dos resultados. O Estado do Paraná, aparece na sequência, com duas equipes: FECAM de Campo Mourão e Londrina, representado somente 4.96%. Cabe destacar aqui que, na categoria Inicial (Sub-16), o Paraná foi o Estado que obteve mais resultados (41,03%) e equipes, entre as 15 melhores, assim, a participação deste estado cai consideravelmente na categoria Adulta.

Por fim, os Estados do Piauí e Rio de Janeiro estão representados por uma equipe cada, respectivamente: CT Piauí de Teresina e Vasco da Gama da cidade do Rio de Janeiro.

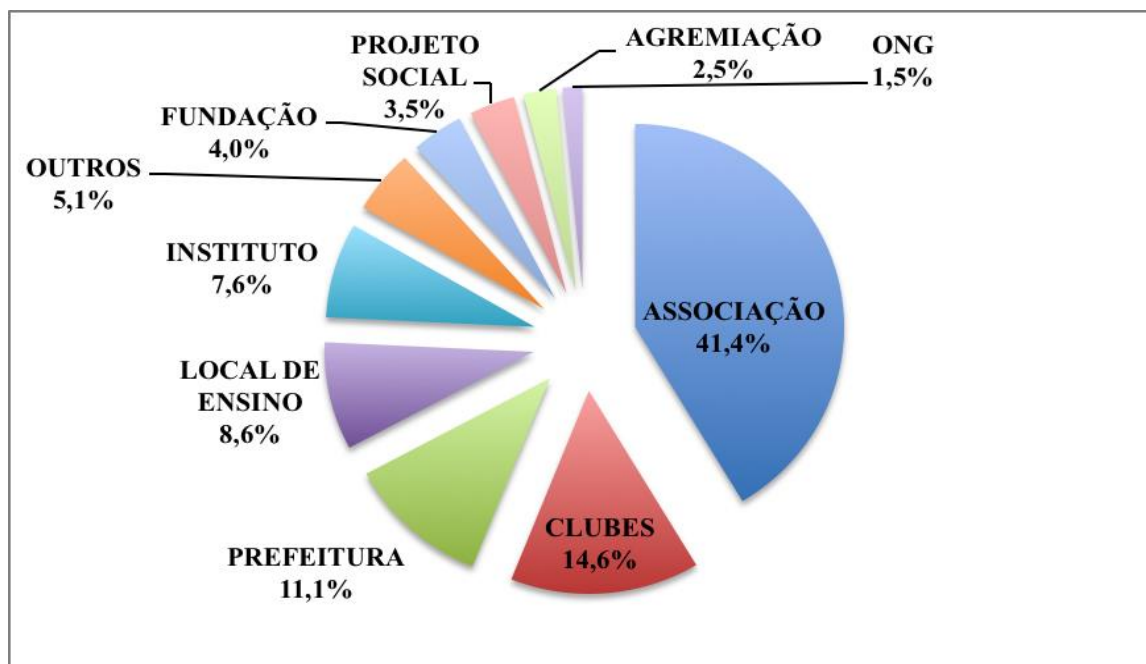


Figura 4 – Tipo e percentual das entidades que representam o atletismo competitivo: 2016
Fonte: Dados dos autores, 2017.

Das 195 equipes presentes no *ranking* do atletismo competitivo nacional, pode-se afirmar que, essas instituições são formadas, na sua maioria, por associações esportivas. Conforme mostra a Figura 4, mais precisamente, 82 (41,4% aproximadamente) equipes de atletismo receberam tal classificação. Depois, mas com menor frequência, aparecem os clubes esportivos (14,6%) e as prefeituras municipais (11,1%) que também ajudam no desenvolvimento desse esporte. Destacam-se ainda, entidades de atletismo que pertencem à estabelecimentos de ensino (8,6%) e institutos (7,6%). Por fim, a rede nacional de atletismo também é composta por agremiações, fundações e projetos sociais.

A Figura 5 revela que o atletismo está distribuído em grande parte do território nacional. Como pode ser visualizado, os estados com o maior número de atletas no *ranking* estão concentrados nas regiões Sul e Sudeste do Brasil. Quase metade 2.504 (43,24%) dos resultados dos atletas pertencem ao Estado de São Paulo. Em seguida, aparece o Estado de Santa Catarina. Ainda, merecem destaque os Estados do Rio de Janeiro, Paraná e Minas Gerais.

Em relação a localização, a Figura 6 revela que a cidade de São Paulo foi a que teve mais resultados 551 (24,31% entre as 15 equipes) no atletismo, no ano de 2016, envolvendo todas as categorias desta modalidade, à frente de Rio de Janeiro (14,9%) e de Campinas (10,5%), cidades da Região Sudeste. Em seguida, aparecem as cidades: São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Osasco e Campo Mourão. São 4 capitais estaduais e 11 cidades interioranas. Algumas destas, com uma economia representativa no cenário nacional, como, Campinas e Joinville.

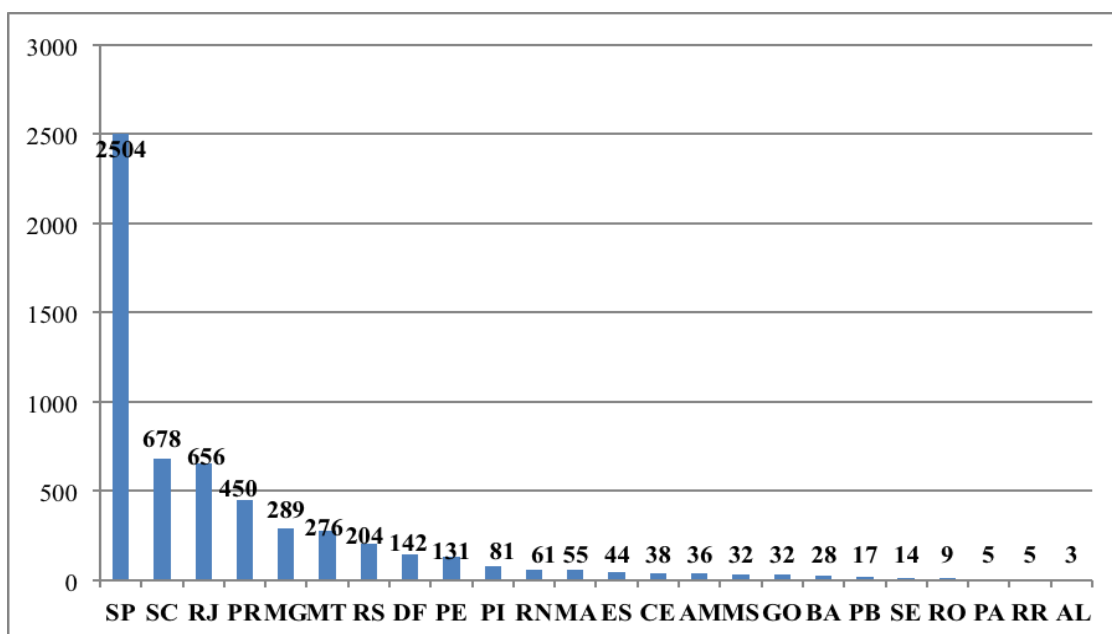


Figura 5 – Distribuição dos resultados dos atletas por estado entre todas as categorias do atletismo do ranking nacional de 2016
 Fonte: Dados dos autores, 2017.

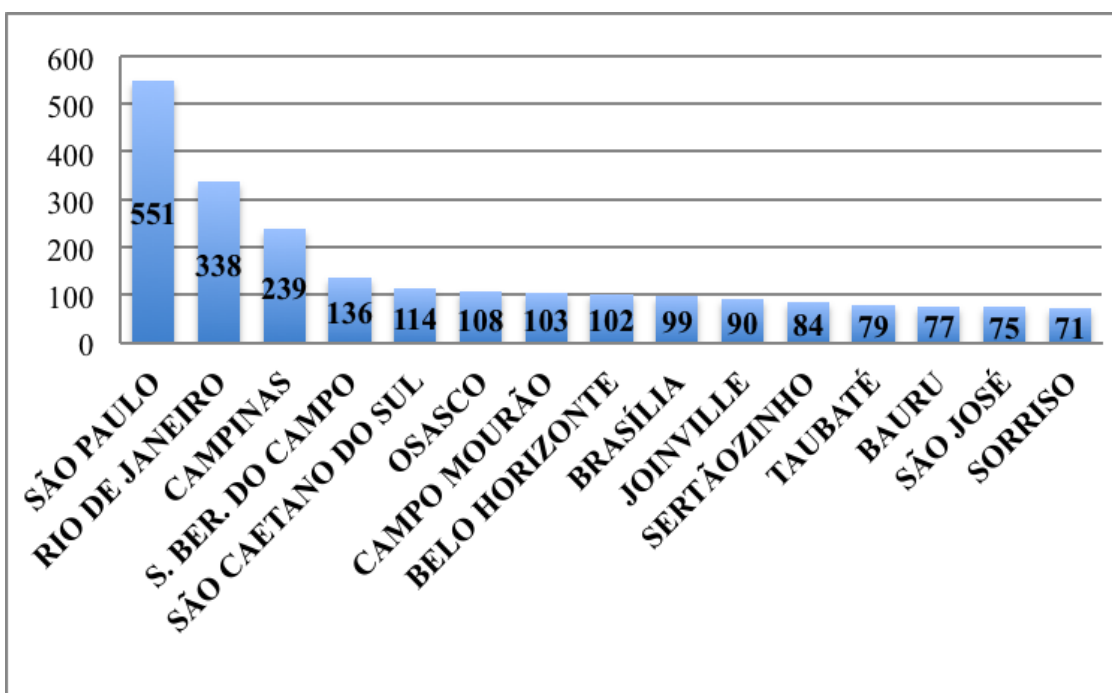


Figura 6 – Quinze cidades de atletismo do Brasil com mais resultados: 2016 (categoria Adulto)
 Fonte: Dados dos autores, 2017.

5 DISCUSSÃO

Dentre as estruturas físicas diagnosticadas no presente estudo, muitas foram ou ainda estão sendo construídas a partir da articulação envolvendo governo federal, estados, prefeituras e universidades. Pode-se afirmar que isso é um caso específico, pois alguns autores apontam que o esporte brasileiro como um todo, ainda não possui um sistema nacional de esporte, sendo que uma das finalidades,

seria justamente fornecer comunicação entre municípios, estados e governo federal (Meira, Bastos, & Bohme, 2012; Mezzadri, Moraes e Silva, & Cavichioli, 2016).

Instituições esportivas, como associações, institutos, fundações e clubes ajudam a compor o que hoje se chama de Rede Nacional de Treinamento de Atletismo. Diferente de outros esportes como tênis de campo (Silva, Costa, Moraes e Silva, Caregnato, & Cavichioli, 2017) e judô (Dias et al., 2016) em que predominam os clubes – foi possível identificar que, no atletismo brasileiro, de forma geral, 46% das entidades identificadas no *ranking* da CBAAt são compostas por associações.

A prática deste esporte acontece em diversas cidades e estados do Brasil. Porém, esta distribuição encontra-se concentrada em poucos municípios e em determinadas unidades federativas. Como pode ser visualizado nas Figuras 5 e 6, os estados com mais atletas no *ranking* estão concentrados na região Sudeste do Brasil, principalmente, nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, os quais possuem mais da metade (52.1%) dos atletas. Destaca-se São Paulo, nesta região, com 36,59% do total da amostragem dos atletas. Em seguida, aparece a região Sul com 1.775 atletas (25,91%), depois a região Nordeste com 510 atletas (11.40%). Foi possível observar que os Estados do Acre e Amapá não tiveram instituições representadas no *ranking* da CBAAt, no entanto, o Estado do Amapá recebeu recentemente incentivo para construção de pista de atletismo via RNT, na Universidade Federal do Amapá (Globo, 2016).

A partir da identificação das estruturas físicas de atletismo e das equipes que representam o esporte competitivo no país, torna-se importante destacar a relação (ou não) do atletismo nacional com a escola, com o esporte escolar. A Figura 2 (equipes das categorias de base do atletismo) revela que nenhum estabelecimento de ensino está entre as melhores instituições do país. Vários autores salientam que as escolas deveriam desenvolver iniciação esportiva em alguma modalidade, com atividades regulares, organizadas e que, quando possível, participassem de competições organizadas, formais (Januário, Colaço, Rosado, Ferreira, & Gil, 2012; Matthiesen et al., 2008).

A presente pesquisa revelou a existência de alguns centros nacionais do esporte (Bragança Paulista, Rio de Janeiro - CEFAN) já em funcionamento e onde se localizam as principais estruturas físicas de atletismo do Brasil, tanto na formação, quanto no alto rendimento, o que pode vir a contribuir com a Rede Nacional de Treinamento de Atletismo. Constatou-se que existem instituições que se preocupam somente com os níveis mais altos de rendimento, não priorizando etapas mais formativas. É possível citar, equipes como B3 Atletismo e Esporte Clube Pinheiros (referências do atletismo profissional), que não desenvolvem as categorias de base, conforme observado na Figura 2.

Sobre essa questão, vários estudos concluíram que os resultados competitivos não devem ser o principal parâmetro na formação de jovens atletas de diferentes modalidades. Brito, Fonseca e Rolim (2004), em estudo com atletas portugueses de atletismo, identificaram que obter excelentes resultados enquanto jovens, não garante bons resultados, por exemplo, quando os mesmos atingirem a categoria Adulto. Em outro estudo na modalidade de atletismo, Vasconcelos-Raposo, Lázaro, Mota e Fernandes (2007) diagnosticaram que, um ambiente agradável de treinamento e de competição entre os indivíduos envolvidos (técnico, atletas, torcida), faz com que jovens atletas se motivem a continuarem no esporte. Entretanto, os autores identificaram que a mudança de instituição e, conseqüentemente, de ambiente, pode, muitas vezes, prejudicar a formação de jovens atletas, levando-os ao abandono prematuro das competições.

É importante acrescentar a questão dos Centros de Iniciação ao Esporte (CIEs). Trata-se de um projeto do Ministério do Esporte (ME), com o objetivo de beneficiar crianças e jovens que queiram praticar esportes (em até 13 modalidades olímpicas) e, segundo o ME, isso seria um dos principais legados dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016 para a infraestrutura do esporte brasileiro. A Figura 7, revela que o Ministério de Esportes tem os CIEs, como um dos pilares para o esporte brasileiro.



Figura 7 – Estruturas esportivas para diferentes níveis do esporte
Fonte: Ministério do Esporte, 2017a.

Com base na Figura 7, pode-se dizer que existe um sistema para o esporte brasileiro na tentativa de interligar diferentes estruturas esportivas e contribuir para a conexão da carreira do atleta. Vale destacar que o Ministério do Esporte, em 2014, mencionava que existiriam os CIEs, numa parceria entre prefeituras e governo federal – com previsão de serem construídos 168 unidades com pista de atletismo sintética, em 25 estados brasileiros, num valor aproximado de R\$ 3,5 milhões por unidade (Ministério do Esporte, 2017a).

No entanto, a previsão de construção de 168 Centros de Iniciação ao Esporte não se concretizou, pois com base em informações do próprio Ministério do Esporte, o primeiro CIE foi entregue em junho de 2017, localizado na cidade de Franco da Rocha (SP), e deverá atender praticantes de futsal, judô, vôlei, basquete, handebol e atletismo (Ministério do Esporte, 2017b). Ainda, em 2017, foram entregues outros três CIEs: em Maringá (PR), em Uberaba (MG) e, por último, em Arapongas (PR) (Ministério do Esporte, 2017c).

Pela Figura 7, é possível afirmar que, atualmente, outras entidades desenvolvem a base do atletismo no país (por exemplo: os clubes) – alguns já mencionados neste estudo – uma vez que poucos CIEs (base da Rede Nacional de Treinamento), foram construídos até 2017. Além disso, em virtude da demora na construção, finalização e adequação de objetivos que muitos dos centros nacionais e das novas estruturas de atletismo no país, precisam passar. Pode-se afirmar que elas serão utilizadas, principalmente, para gerações futuras de atletas brasileiros – seja para a base ou para o esporte de alto rendimento.

6 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

As instalações de atletismo apresentadas neste estudo, foram compostas por: 25 universidades públicas, 4 instalações municipais, 2 estaduais, 2 clubes, 1 federal e 7 Centros Nacionais de Atletismo. Além destas, a partir do *ranking* da CBAAt (15 melhores equipes por categoria), foi possível identificar, outras 24 entidades que desenvolvem o esporte competitivo.

O presente estudo revelou que a prática de atletismo, em diferentes níveis do esporte, encontra-se diversificada entre as capitais estaduais e cidades interioranas. Pode-se dizer que, estas últimas, com presença significativa entre as 15 melhores equipes do país, por categoria. Há uma concentração maior, tanto de instituições, estruturas físicas, resultados e atletas na região Sudeste, mas sem deixar

de ter uma distribuição geográfica interessante da prática desse esporte, em cidades do Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

O método de análise apresentado neste estudo, permite saber efetivamente quais instituições e estruturas físicas são as melhores do país, tendo em vista que, nem sempre o que se encontra nos documentos oficiais, condiz com a realidade ou com os resultados das principais competições nacionais. Sugere-se, com base nos dados apresentados, refletir sobre como utilizar da melhor maneira os espaços esportivos de atletismo, para que ocorra o desenvolvimento dessa modalidade no país (mais participação, facilitar a seleção de atletas, determinar os locais para os centros nacionais, regionais e locais). Sendo assim, os achados deste estudo, servem como um auxílio no sentido de melhorar a efetividade dos recursos públicos aplicados nos setores de formação de atletas e de rendimento esportivo.

Ressalta-se a dificuldade metodológica deste tipo de estudo, por exemplo, a CBA não fornece as cidades das entidades, as quais foram identificadas pelos autores manualmente, em *sites* de federações estaduais de atletismo, ou ainda, a partir de uma busca complementar pela *web*. Este estudo, pode ser apontado como pioneiro na modalidade investigada e, como complementação para essa pesquisa, surgem outras possibilidades de estudos, tais como: saber se as pistas construídas recentemente no Brasil, possuem objetivos definidos para com o esporte pesquisado; se as mesmas receberam equipamentos esportivos para o desenvolvimento das diversas modalidades do atletismo; e como encontra-se a manutenção destas estruturas.

REFERÊNCIAS

- Amaral, C. M. S. (2015). Instalações Esportivas no Brasil – Conceito e tipologia. In A. R., Jr., Amaral, C. M. S, Bastos, F. C., & Mazzei, L. C. (Org.). *Ensaio sobre Gestão do Esporte: Reflexões e contribuições do GEPAE/EEFE-USP*. Sarapu, SP.
- Amaral, C. M. S, & Bastos F. C. (2016). Perfil do Gestor de Instalações Esportivas no município de São Paulo. *Revista de Gestão e Negócios do Esporte*, 1(1), 50-63.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Barreira, C., & Carvalho, A. P. (2007). A realidade portuguesa do conforto em instalações de fitness. O que mudar? *Motricidade*, 3(2), 69-80.
- Barros, M. A., Fº, Pedroso, C. A. M. Q., Fatta, G. L. G. L., Lima, W. H. G. A., Silva, T. C. A., & Rocha, V. L. S. (2013). Perfil do gestor esportivo brasileiro: Uma revisão de literatura. *Revista Intercontinental de Gestão Esportiva*, 3, 44-52.
- Bragada, J. (2000). O atletismo na escola. Proposta programática para abordagem dos lançamentos leves. *Horizonte. Revista de Educação Física e Desporto*, 17(99).
- Brasil 2016. (2014a). *Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016 espalham o legado esportivo por todo o país*. Recuperado de <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/noticias/jogos-olimpicos-e-paraolimpicos-rio-2016-espalham-o-legado-esportivo-por-todo-o-pais>
- Brasil 2016. (2014b). *Começam obras de preparação do Complexo Esportivo de Deodoro para o Rio 2016*. Recuperado de <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/noticias/comecam-obras-de-preparacao-do-complexo-esportivo-de-deodoro-para-o-rio-2016>
- Brasil 2016. (2017a). *Região Barra*. Recuperado de 2017 de <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/megaeventos/paraolimpiadas/instalacoes/barra>

- Brasil 2016. (2017). Pinheiros vence o Troféu Brasil e sobram índices na última etapa do torneio. Recuperado de <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/noticias/sobram-indices-para-o-mundial-na-ultima-etapa-do-trofeu-brasil>
- Brito, N., Fonseca, A. M., & Rolim, R. (2004). Os melhores atletas nos escalões de formação serão igualmente os melhores atletas no escalão sênior? Análise centrada nos rankings femininos das diferentes disciplinas do Atletismo ao longo das últimas duas décadas em Portugal. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 4(1), 17-28.
- Comitê Olímpico Brasileiro. (2015). *Primeiros atletas chegam aos Jogos Escolares da Juventude Fortaleza*. Recuperado de <https://www.cob.org.br/pt/Noticia/primeiros-atletas-chegam-aos-jogos-escolares-da-juventude-fortaleza-2015>
- Confederação Brasileira de Atletismo. (2009). *Uberlândia inaugura Centro de Atletismo de Alto Nível*. Recuperado de <http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=3732>
- Confederação Brasileira de Atletismo (2015). *CBA e ME tratam dos Centros Nacionais de Treinamento de Atletismo*. Recuperado em maio de 2015 de <http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=7987&back=S>
- Confederação Brasileira de Atletismo. (2017). *CBA realiza primeiro camping na Rede Nacional de Treinamento*. Recuperado de <http://www.cbat.org.br/noticias/noticia.asp?news=9037>
- DaCosta, L. (2006). Instalações esportivas por estado. In L. DaCosta. (Org.). *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: CONFEF.
- De Bosscher, V., De Knop, P., Van Bottenburg, M., Shibli, S., & Bingham, J. (2009). Explaining international sporting success: An international comparison of elite sport systems and policies in six countries. *Sport Management Review*, 12(3), 113-136.
- Dias, Y. R., Moraes, M., Figuerôa, K. M., Nunes, R. J. S., Rojo, J. R., & Mezzadri, F. M. (2016). O Judô no programa governamental Bolsa-Atleta: A distribuição espacial dos bolsistas (2011-2013). *Pensar a Prática*, 19(1).
- Digel, H. (2005). Comparison of successful sport systems. *New Studies in Athletics*, 20(2), 7-18.
- ESPN. (2011). *Nova pista de atletismo do Ibirapuera proporciona recordes pessoais*. Recuperado de http://espn.uol.com.br/post/193348_nova-pista-de-atletismo-do-ibirapuera-proporciona-recordes-pessoais
- Federação Paulista de Atletismo. (2014). *Pistas*. Recuperado de <http://www.atletismofpa.org.br/Pistas-de-Atletismo>
- Ferreira, R. (2007). *Estudo comparativo de alguns sistemas esportivos nacionais visando um contributo para o Brasil*. Políticas para o Esporte de Alto Rendimento. São Paulo.
- Gil, A. C. (1995). *Como elaborar Projetos de Pesquisa*. São Paulo: Atlas S. A.
- Globo. (2015). *Pista de atletismo do Zerão já tem datas para ser entregue e inaugurada*. Recuperado de <http://globoesporte.globo.com/ap/noticia/2015/05/pista-de-atletismo-do-zero-ja-tem-datas-para-ser-entregue-e-inaugurada.html>

- Globo. (2016). *Pista de atletismo será construída em Universidade Federal do Amapá*. Recuperado de <http://globoesporte.globo.com/ap/noticia/2016/02/pista-de-atletismo-sera-construida-em-universidade-federal-do-amapa.html>
- Globo. (2017a). *Prefeitura paga manutenção, mas Parque Olímpico está abandonado*. Recuperado de <https://oglobo.globo.com/esportes/prefeitura-paga-manutencao-mas-parque-olimpico-esta-abandonado-20873288>
- Globo. (2017b). *Centro Nacional de Atletismo de Cascavel será transformado em colégio militar*. Recuperado de <http://g1.globo.com/pr/parana/videos/v/centro-nacional-de-atletismo-de-cascavel-sera-transformado-em-colegio-militar/6231510/>
- Green, M. (2004). Changing policy priorities for sport in England: The emergence of elite sport development as a key policy concern. *Leisure Studies*, 23(4), 365-385.
- Green, M., & Houlihan, B. (2004). Advocacy coalitions and elite sport policy change in Canada and the United Kingdom. *International Review for the Sociology of Sport*, 39(4), 387-403.
- Governo do Estado do Amazonas. (2015). *Espaços esportivos do Governo do Amazonas receberão recursos de mais de R\$ 24 mil*. Recuperado de <http://www.fvo.am.gov.br/espacos-esportivos-do-governo-do-amazonas-receberao-recursos-de-mais-de-r-24-mil/>
- Hastie, P. A., Calderón, A., Rolim, R. J., & Guarino, A. J. (2013). The development of skill and knowledge during a sport education season of track and field athletics. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 84(3), 336-344.
- Hong, F., Wu, P., & Xiong, H. (2005). Beijing ambitions: An analysis of the Chinese sports system and its Olympic strategy for the 2008 Olympic games. *The International Journal of the History*, 22(4), 510-529.
- Houlihan, B., & Green, M. (2006). The changing status of school sport and physical education: Explaining policy change. *Sport, Education and Society*, 11(1), 73-92.
- Januário, N., Colaço, C., Rosado, A., Ferreira, V., & Gil, R. (2012). Motivação para a prática desportiva nos alunos do Ensino Básico e Secundário: Influência do gênero, idade e nível de escolaridade. *Motricidade*, 8(4), 38-51.
- Joaquim, B., Batista, P., & Carvalho, M. (2011). Revisão sistemática sobre o perfil de competências do Gestor Desportivo. *Movimento*, 17(1), 255-279.
- Lei n. 12.395, de 16 de março de 2011*. Conversão da Medida Provisória n. 502, de 2010. Mensagem de veto Altera as Leis n. 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre desporto, e 10.891, de 9 de julho de 2004, que institui a Bolsa-Atleta; cria os Programas Atleta Pódio e Cidade Esportiva; revoga a Lei n. 6.354, de 2 de setembro de 1976; e dá outras providências (artigos 16 e 17 - Rede Nacional de Treinamento). Recuperado de http://www.esporte.gov.br/arquivos/snear/redenacionaltreinamento/02_09_2016_lei_12_395_mar_2011.pdf
- Matthiesen, S. Q., Silva, M. F. G., & Silva, A. C. L. (2008). Atletismo na escola. *Motriz*, 14(1), 96-104.

- Mazzei, L. C., Bastos, F. D. C., Ferreira, R. L., & Böhme, M. T. S. (2012). Centros de Treinamento Esportivo para o Esporte de Alto Rendimento no Brasil: Um estudo preliminar. *Revista Mineira de Educação Física, Ed. Esp.* (1), 1575-1584.
- Meira, T. D. B., & Bastos, F. D. C. (2011). Estrutura organizacional esportiva. In M. T. S. Böhme (Ed.). *Esporte infante-juvenil: Treinamento a longo prazo - Talento esportivo*. São Paulo: Phorte.
- Meira, T. D. B., Bastos, F. D. C., & Böhme, M. T. S. (2012). Análise da estrutura organizacional do esporte de rendimento no Brasil: Um estudo preliminar. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 26(2), 251-262.
- Mezzadri, F. M., Moraes e Silva, M., & Figuerôa, K. M. (2015). Desenvolvimento de um método para as pesquisas em políticas públicas de esporte no Brasil: Uma abordagem de pesquisa mista. *Motrivência*, 27(44), 49-63.
- Mezzadri, F. M., Moraes e Silva, M., & Cavichioli, F. R. (2016). Brazil. In E. Kristiansen, M. M. Parent, & B. Houlihan. *Elite youth sports policy and management: A comparative analysis*. Abingdon: Routledge.
- Ministério do Esporte. (2014). *Centro de Formação Olímpica do Nordeste*. Recuperado de 2016 <http://www.esporte.gov.br/arquivos/snear/redenacionaltreinamento/CFO%20%20release%20maio%202014.pdf>
- Ministério do Esporte. (2015a). *Ministério do Esporte investe mais de R\$ 70 milhões em 15 novas pistas de atletismo*. Recuperado de <http://www.esporte.gov.br/index.php/noticias/24-lista-noticias/50262-ministerio-do-esporte-investe-mais-de-r-70-milhoes-em-15-novas-pistas-de-atletismo-pelo-pais>
- Ministério do Esporte. (2015b). *São Luís/MA terá pista de atletismo com certificação olímpica*. Recuperado em junho de 2016 de <http://www.esporte.gov.br/index.php/multimedia/118-lista-radio-esporte/49662-sao-luis-tera-pista-de-atletismo-com-certificacao-olimpica>
- Ministério do Esporte. (2017a). *Rede Nacional de Treinamento*. Recuperado de <http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/alto-rendimento/rede-nacional-de-treinamento>
- Ministério do Esporte. (2017b). *Primeiro do país, CIE de Franco da Rocha (SP) recebe visita de representantes do Ministério do Esporte*. Recuperado de <http://www.esporte.gov.br/index.php/ultimas-noticias/209-ultimas-noticias/57336-primeiro-do-pais-cie-de-franco-da-rocha-sp-recebe-visita-de-representantes-do-ministerio-do-esporte>
- Ministério do Esporte. (2017c). *Centro de iniciação ao esporte é inaugurado em Arapongas no Paraná*. Recuperado de <http://www.esporte.gov.br/index.php/ultimas-noticias/209-ultimas-noticias/57813-centro-de-iniciacao-ao-esporte-e-inaugurado-em-arapongas-no-parana>
- Nunomura, M., & Oliveira, M. S. (2012). Centro de excelência e ginástica artística feminina: A perspectiva dos técnicos brasileiros. *Motriz*, 18(2), 378-392, Rio Claro.
- Portal da Transparência. (2015). *Convênios*. Recuperado de <http://www.portaltransparencia.gov.br/convenios/convenioslista.asp?uf=rs&tipoconsulta=1&codorgao=51000&orgao=&codmunicipio=8801&municipio=&periodo=>

- Rio 2016. (2014). *O Atletismo ontem e hoje na visão dos brasileiros*. Recuperado de <http://www.rio2016.com/noticias/noticias/o-atletismo-ontem-e-hoje-na-visao-dos-brasileiros>
- Rubio, K. (2008). *Estratégias de preparação psicológica: Da prática à teoria*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Sarmiento, J. P. (2011). O conceito de gestão desportiva: Âmbitos de intervenção e perfil de funções. In V. Menezes, & C. A. Multinho (Eds.). *Gestão do esporte: Uma introdução* (13-36). Recife: Ed. Universitária UFPE.
- Silva, C. L., Costa, I. P., Moraes e Silva, M.; Caregnato, A. F., & Cavichioli, F. R. (2017). A configuração do tênis de campo infantojuvenil brasileiro: Primeiras descrições. *Pensar em Movimento*, 15.
- Tribunal de Contas da União. (2011). *Relatório de Auditoria Operacional*. Esporte de Alto Rendimento. Recuperado de http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/comunidades/programas_governo/areas_atuacao/esportes/Relatório_Esporte%20Alto%20Rendimento_Miolo.pdf.
- Universidade de São Paulo. (2013). *Pista de Atletismo da CEPEUSP será reaberta em junho*. Recuperado de <http://www5.usp.br/27566/pista-de-atletismo-do-cepeusp-sera-reaberta-em-junho/>
- Vasconcelos-Raposo, J., Lázaro, J., Mota, M., & Fernandes, H. (2007). Caracterização dos níveis de ansiedade em praticantes de atletismo. *Motricidade*, 3(1), 298-314.

ⁱ Competições de nível internacional são realizadas em pistas Classes 1 ou 2, ou seja, possuem todas as recomendações sugeridas pela International Association Athletic Federation (IAAF). Também no site da CBA é possível verificar as pistas certificadas, ver: <http://www.cbat.org.br/pistas/default.asp>. [citado 12 jan. 2015].

ⁱⁱ Exemplo disponível em: https://cnae.ibge.gov.br/?option=com_cnae&view=atividades&Itemid=6160&tipo=cnae&chave=clube&versao_classe=7.0.0&versao_subclasse=9.1.0.

ⁱⁱⁱ A equipe B3 Atletismo é a antiga BMF&BOVESPA. Em 30 de março de 2017, passou a ser chamada de B3 Atletismo, consequência do nascimento da B3 S.A., resultado da combinação de atividades entre BM&FBOVESPA e Cetip (empresas do mercado financeiro).